

EDUCAÇÃO AO LONGO DA VIDA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA DESATAR OS NÓS DA ATUAÇÃO DOCENTE

Lifelong Education: A Possible Route to Untie the Knots of Teaching

Maria Antonieta Alba CELANI (PUC, São Paulo, Brasil)

Ariane Ferreira BARROS (PUC, São Paulo, Brasil)

Resumo: *Este trabalho propõe reflexões à luz do Relatório Delors (UNESCO, 2010), de Werthein e Cunha (UNESCO, 2005) e de Freire (2011a, 2011b) sobre como o conceito de educação ao longo da vida atravessa o cotidiano de professores de educação básica do Brasil e, nesse sentido, de que modo as metas do PNE (Brasil, 2014), voltadas à formação desses profissionais, poderiam ajudá-los a desatar os nós que os impedem de formar cidadãos do e para o mundo e de se (trans)formarem.*

Palavras-chave: *Educação ao longo da vida; Professor brasileiro; Metas do PNE; (Trans)formação docente.*

Abstract: *This paper proposes reflections about how the concept of lifelong education crosses the routine of Brazilian basic education teachers, in consonance with the Delors Report (UNESCO, 2010), Werthein and Cunha (UNESCO, 2005) and Freire (2011a, 2011b). It also discusses in what manner some goals of PNE (Brazil, 2014) related to teachers' education would help to untie the knots that prevent these Brazilian teachers from preparing citizens of and to the world and (trans)form themselves.*

Key-words: *Lifelong education; Brazilian teachers; PNE's Goals; Teacher's (Trans)formation.*

1. Introdução

Vivemos em um mundo globalizado e multicultural (UNESCO, 2010). Não existem mais fronteiras e distâncias que resistam aos aparatos tecnológicos inventados para dissipá-las. Houve um longo percurso até que a globalização transformasse o acesso à informação, à cultura bem como a relação entre as pessoas de um modo expressivo. Hoje, ser cidadão global é um desafio que requer a habilidade de transitar em espaços físicos ou virtuais distintos, encontrar o nosso lugar no mundo, saber comunicar-se por meio de diferentes línguas, mídias e máquinas, reconhecer e respeitar culturas outras e o principal: sem apagar a nossa própria identidade. Desafios e descobertas fizeram parte desse percurso e diante deste cenário há um profissional, em especial, atravessado constantemente por todas essas transformações e cuja imagem tem sido ressignificada no decorrer do tempo: o professor.

Este trabalho apresenta, a partir da análise e discussão de dados oficiais, quem são os professores da educação básica no cenário brasileiro. Além disso, procura suscitar reflexões sobre a importância do conceito de educação ao longo da vida para esse profissional que é uma das figuras centrais no mundo globalizado e que se encontra, por vezes, envolto em “nós” que o impedem de se (trans)formar e de contribuir para a formação de cidadãos globais. A relação entre educação, professores e sua formação ao longo da vida é permeada por questões que se entrelaçam. Esse entrelaçamento, por sua vez, pode dar origem a alguns “nós”. Optamos pelo uso desse termo para designar questões específicas que perpassam a carreira docente e que serão apresentadas e discutidas posteriormente.

Em um primeiro momento, serão trazidas considerações sobre como o conceito de educação ao longo da vida está presente na vida do professor. Em seguida, serão apresentados o perfil do professor brasileiro de educação básica e os nós nos quais está envolto. Logo após, reflexões sobre como as metas do PNE (Brasil, 2014) voltadas à formação desse profissional o ajudariam a desatar esses nós. Por fim, serão tecidas as considerações finais.

2. Educação ao longo da vida: tema que atravessa o cotidiano do professor

Aqui chegamos ao ponto de que devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. (Freire, 2011a, p. 50)

O professor, por natureza, é um ser inacabado assim como os demais cidadãos que fazem parte do mundo globalizado. Nesse sentido, ter a consciência do inacabamento e buscar a formação ou educação ao longo da vida é uma condição primordial para exercer essa função, uma vez que “[...] compete ao professor transmitir ao aluno tudo o que a humanidade já aprendeu acerca de si mesma e da natureza, além do que ela tem criado e inventado de essencial” (UNESCO, 2010, p. 12). Uma missão desafiadora por sinal.

Em 1972 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) apresentou ao mundo uma proposta de Educação considerada um marco importante na história do pensamento educacional: o Relatório Faure. Elaborado pela Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação, presidida na ocasião por Edgar Faure, o relatório trazia os resultados de estudos abrangentes realizados em várias partes do mundo e uma concepção de Educação:

(...) como um processo de ser que, através da diversidade de suas experiências, aprende a exprimir-se, a comunicar, a interrogar o mundo e a tornar-se cada vez mais ele próprio. A ideia de que o homem é um ser inacabado e não pode realizar-se senão ao preço de uma aprendizagem constante (Werthein e Cunha, 2005, p. 14).

Essa concepção tem sido amplamente difundida até hoje. O Relatório Delors (UNESCO, 2010), por exemplo, amplia os pressupostos do Relatório Faure, estabelecendo diretrizes educacionais a serem adotadas mundialmente e destacando o princípio de educação ao longo da vida.

A educação ao longo da vida (*lifelong education*) é concebida, neste trabalho, como um processo de construção contínua da pessoa, do seu saber, suas aptidões, da sua capacidade de julgar, agir e de ter acesso ao mundo (UNESCO, 2010) e um princípio essencial para que o professor brasileiro de educação básica possa ajustar-se às demandas

da sua profissão, sobreviver e evoluir no cenário atual de Educação. Além disso, esse processo é inerente à carreira de professor e pode ajudá-lo a construir uma identidade que seja condizente com o contexto multicultural do qual faz parte.

Nesse sentido, o professor precisa buscar e também ter acesso a opções voltadas à educação ao longo da vida para que tenha um olhar multicultural sobre as experiências, costumes, princípios, crenças, dentre outros elementos trazidos por seus alunos para a sala de aula e que precisam ser respeitados, valorizados e considerados em sua atuação docente.

De acordo com o Relatório Delors (2010, p. 35), os professores são afetados por um imperativo de atualização dos conhecimentos e das competências e, em virtude disso, sua vida profissional deve ser organizada a fim de que eles possam de fato se aprimorar e acompanhar as rápidas mudanças que ocorrem em todas as esferas de sua vida. Um professor com uma formação sólida e contínua estará mais apto a formar cidadãos para o mundo por conhecer as dimensões que caracterizam a essência de sua prática, se tornar mais seguro e não somente se adaptar, mas também intervir e transformar a realidade (Freire, 2011a, p. 67).

Atualmente um dos maiores desafios da Educação é promover a cultura da paz (UNESCO, 2010) por meio de uma concepção de ensino na qual as pessoas aprendam não somente a falar, mas também a ouvir e dar lugar a outras vozes que são deixadas em segundo plano – seja por questões de ordem política, econômica, cultural ou outras –, como uma forma de promover um mundo mais justo e igualitário.

O professor possui um papel essencial nesse sentido, embora seja apenas um dos agentes das mudanças sociais – o Estado, a família e a escola também o são. Por isso, para formar cidadãos *do* e *para* o mundo que estejam aptos a transitar, atuar e construir em conjunto – conhecimentos, regras, políticas, currículos, cultura, valores – a educação ao longo da vida aparece como conceito-chave, uma necessidade e uma ferramenta essencial para a vida do professor.

3. Quem é o professor brasileiro?

O professor brasileiro de educação básica, tema deste trabalho, faz parte, em especial, de um cenário marcado pela diversidade: o Brasil. Atuar nesse cenário pode ser considerado um grande desafio, uma vez que ser professor nesse contexto significa adentrar aldeias indígenas, áreas remanescentes de quilombos, povoados ribeirinhos, grandes centros urbanos, rurais, comunidades carentes e uma infinidade de mundos diferentes dentro de um mesmo Estado, cidade ou bairro para atender a alunos de etnias, classes sociais, necessidades, perspectivas, sonhos e realidades bem distintas.

Essa ideia de desafio é reforçada pelo próprio Plano Nacional de Educação (PNE), uma lei viva, a ser lida, revisitada e, principalmente, observada (Brasil, 2014, p.7) em todos os âmbitos educacionais do país. O PNE era, até há alguns anos, apenas uma disposição transitória da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), tornando-se uma exigência constitucional em 2009.

O Plano é organizado em torno de 20 metas, passou a ser considerado o articulador de todas as esferas do Sistema Nacional de Educação e a receber um percentual do Produto Interno Bruto (PIB) para sua execução. O PNE, em suas primeiras páginas, já reconhece que:

A complexidade do modelo federativo brasileiro, as lacunas de regulamentação das normas de cooperação e a visão patrimonialista que ainda existe em muitos setores da gestão pública tornam a tarefa do planejamento educacional bastante desafiadora. Planejar, nesse contexto, implica assumir compromissos com o esforço contínuo de eliminação das desigualdades que são históricas no Brasil (Brasil, 2014, p.5).

Se planejar a política educacional da nação é considerado um desafio, implementá-la em sala de aula torna-se um desafio ainda maior. O PNE (Brasil, 2014) reconhece a importância de se oferecer uma formação sólida ao professor de educação básica a fim de possibilitar que esse profissional transite em e atenda a contextos tão diversos, por isso, estabelece algumas metas nesse sentido, apresentadas e discutidas posteriormente neste trabalho.

Antes, porém, é necessário responder à questão que deu origem ao título desta

seção: Quem é o professor brasileiro? Para essa finalidade foram selecionados: a) alguns dados da Sinopse do Professor, elaborada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) – elaborada em 2009 e atualizada em 2012 –; b) dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2016 produzido pelo movimento Todos pela Educação em parceria com a editora Moderna.

Os dois documentos foram escolhidos em virtude de complementarem as informações necessárias para delinear o perfil mais recente do professor em questão, uma vez que cada um deles contempla aspectos diferentes sobre a carreira e o perfil desse profissional.

Fundado em 2006, o movimento Todos pela Educação é organizado em torno das 20 metas do Plano Nacional de Educação e sua principal missão é contribuir para que crianças e jovens brasileiros tenham o direito à Educação Básica de qualidade até 2024. Para isso, faz a divulgação anual de dados importantes sobre o cenário do ensino público e privado no Brasil, reunindo resultados dos principais censos educacionais do país, como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Censo Demográfico e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) – apurados e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – e dados do Censo Escolar e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) disponibilizados pelo Ministério da Educação (MEC).

Uma das bandeiras desse movimento é a formação e a melhoria da carreira do professor, por isso, o Anuário dedica uma seção a assuntos relacionados a esse tema – denominada Professores-Formação – de onde alguns dados desta seção foram coletados.

O INEP – cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações que abranjam todo o Sistema Educacional Brasileiro e, a partir dos resultados, propiciar a criação e implementação de políticas públicas educacionais – é uma autarquia federal vinculada ao MEC. A Sinopse do Professor produzida pelo INEP ainda é uma das bases mais completas sobre os professores de educação básica do Brasil.

De acordo com os dados da Sinopse do Professor produzida pelo INEP, em 2009 o Brasil já contava com 1.977.978 profissionais atuantes na educação básica. Desse número, aproximadamente 83% dos profissionais se declaravam brancos, com idade entre

25 e 50 anos e 1.341.178 já tinham nível superior.

Desses profissionais, 1.259.124 eram concursados, efetivos ou estáveis. A região Sudeste contava com o maior número de professores nesse segmento (786.179) e a região Centro-oeste concentrava o menor número (140.948). As estimativas eram de que 753.888 professores lecionavam para mais de cinco turmas, 365.417 atuavam em mais de dois estabelecimentos e 646.346 em pelo menos dois turnos, o que indica uma carga excessiva de trabalho.

Embora o Anuário (São Paulo, 2016) não traga informações tão específicas sobre a identidade do professor quanto as mencionadas nos parágrafos anteriores, os seus dados são importantes para complementá-las.

De acordo com dados do Anuário, em 2014 o Brasil tinha um quadro ainda maior de professores: cerca de 2.190.743. Aproximadamente 1.486.551 desses professores eram licenciados em sua área específica de atuação, o que representa um crescimento do número de professores com curso superior no Brasil. O documento também indica que a educação básica no Brasil ainda é composta quase que predominantemente por mulheres. Até 2014, por exemplo, dos 2.190.743 professores atuantes na Educação Básica em nosso país cerca de 1.753.870 eram mulheres, de acordo com os dados apresentados pelo Anuário (São Paulo, 2016, p. 107).

Além disso, os dados revelam que o rendimento médio dos professores da Educação Básica é 59% inferior quando comparado ao salário de profissionais de outras áreas com curso superior. Para exemplificar, em 2014 o rendimento médio de profissionais da área de Exatas era de R\$ 6.194,74 enquanto os profissionais da área da Educação recebiam apenas R\$ 2.214,90 (São Paulo, 2016, p. 7). Esse pode ser um dos motivos que expliquem porque apenas 41,8% dos ingressantes em cursos de graduação da área de Educação tenham concluído o curso entre 2011 e 2014.

O Anuário indica ainda avanços alcançados ao longo dos últimos anos em decorrência do PNE, por exemplo, o fato de 31,4% dos professores terem pós-graduação e de 89,6% dos municípios brasileiros disporem de ações de regulamentação e valorização da carreira do magistério. No entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido.

4. Os nós

Os dados apresentados na seção anterior revelam uma profissão em que há o predomínio de mulheres. Além disso, indicam que, embora o número de professores com curso superior tenha crescido, muitos profissionais ainda não têm formação específica em sua área de atuação, são relativamente jovens, mal remunerados e têm uma carreira pouco atrativa e marcada por excessos (turmas, acúmulo de cargos, tarefas). Uma busca rápida no Google ainda nos traria uma infinidade de outras informações que complementaríamos esse perfil de maneira depreciativa, na maioria das ocorrências.

Estamos refletindo sobre um profissional que precisa aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer e, por fim, aprender a ser (UNESCO, 2010, p.13) para acompanhar as incessantes transformações do mundo, formar a si mesmo e a outras pessoas mesmo quando não encontra condições favoráveis para isso. Um profissional que precisa ter uma boa formação, domínio do conteúdo ensinado, vasto conhecimento tecnológico, que seja capaz de realizar tarefas complexas, simultâneas e de fazer uma leitura adequada do contexto no qual atua, das necessidades de seus alunos e definir as melhores estratégias para alcançar os objetivos que almeja.

O PNE (Brasil, 2014) traz a figura do professor como agente importante para a melhoria na qualidade de ensino do país. No entanto, como o professor poderá se adequar a esse perfil se nem sempre consegue (trans)formar a si próprio em virtude dos nós nos quais está envolto? Como irá formar cidadãos e ajudar a transformar o mundo quando na verdade precisa de (trans)formação ao longo da vida?

Os “nós” listados a seguir nos dão uma dimensão de como é difícil para o professor brasileiro de educação básica encontrar respostas para essas questões, construir o seu percurso intelectual e atender às demandas de um contexto em constante transformação:

1. Formação inicial: ainda é o primeiro nó. Os dados apresentados na seção anterior evidenciaram que ainda há muitos professores sem formação específica em sua área, o que pode comprometer a sua atuação e a qualidade do ensino. Além disso, os cursos de graduação nem sempre preparam o

- profissional de modo adequado;
2. Voz silenciada: a voz do professor nem sempre aparece nos documentos oficiais, orientações curriculares, planos educacionais, políticas públicas ou ações estratégicas direcionados a ele, à sua prática docente ou à sua carreira. Seu papel parece ser o de expectador ou executor de ideias;
 3. Baixa remuneração: o excesso de turmas, o acúmulo de cargos e de tarefas complexas impedem que o professor tenha tempo hábil, saúde e recursos financeiros para priorizar a sua formação ao longo da vida;
 4. Atenção ao conteúdo de formação: é necessário que haja espaço em sua formação para estudos interdisciplinares, culturais, sobre gênero, questões étnico-raciais, inclusão e questões sociais que adentram os muros da escola, os desafiam e com as quais nem sempre os professores estão preparados para lidar;
 5. Horários coletivos de (in)formação: os horários de estudo coletivos oferecidos nem sempre são espaço de efetiva formação, mas sim momentos dedicados a informes. É necessário promover encontros e formações com professores de áreas diferentes para que juntos possam refletir e construir propostas de trabalho que atendam as demandas atuais;
 6. Falta de formação ao longo da vida: a formação é um requisito essencial para ser professor. Não basta apenas ofertar cursos. É preciso que haja oportunidades efetivas de escolha que sejam condizentes com as demandas do contexto de atuação do professor e que permitam que ele esteja em constante processo de (trans)formação;
 7. Ausência de plano de carreira: para tornar a profissão mais atrativa, é necessário que se crie um plano de carreira que valorize, prepare, incentive o professor e possibilite o seu avanço e a permanência na carreira. Há um número cada vez menor de pessoas interessadas em atuar na área e cada vez maior de professores que desistem da profissão.

Todos esses nós trazem à tona um emaranhado de paradoxos: não existe

professor sem (trans)formação. Não existe (trans)formação sem professor. O professor não estuda porque precisa trabalhar, mas não consegue trabalhar da forma mais adequada porque precisa estudar. A jornada de trabalho é excessiva, porque a renda precisa ser maior ou no mínimo suficiente para arcar com suas despesas. Não sobra tempo nem dinheiro para investir em sua formação. Bolsas de estudos, além de escassas, exigem tempo e dedicação e, muitas vezes, são sinônimos de escolha: trabalhar ou estudar?

Diante desse cenário, as metas do PNE (Brasil, 2014) surgem como uma possibilidade de desatá-los, como veremos a seguir.

5. Desatando os nós

O PNE dialoga tanto com a fala de Freire (2011a) quanto com o Relatório Delors (UNESCO, 2010), ao reiterar a formação do professor como um requisito para ele poder exercer seu ofício de modo a atender as demandas e lidar com os desafios diários:

(...) a formação acadêmica do professor é condição essencial para que assuma, efetivamente, as atividades docentes e curriculares em todas as etapas e modalidades, seja no ambiente escolar, seja nos sistemas de ensino (...) e, portanto, é um requisito indispensável ao exercício profissional docente e em atividades correlatas (Brasil, 2014, p. 48).

Nesse sentido, as metas do PNE – selecionadas entre as 20 que compõem o documento – foram escolhidas por privilegiarem a formação do professor e indicarem um caminho possível para desatar os nós apresentados na seção anterior, bem como para melhorar a qualidade de ensino no país, como pode ser observado a seguir:

Metas do PNE (Brasil, 2014, p. 12) Nó(s) a ser(em) desatado(s)	
Meta 15: garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam	Formação inicial: profissionais com formação específica em sua área de atuação poderão desempenhar melhor as suas funções e estarem mais preparados para formar cidadãos <i>do e para</i> o mundo.

<p>formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam.</p>	
<p>Meta 16: formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos(as) os(as) profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.</p>	<p>Falta de formação ao longo da vida: é preciso que haja oportunidades efetivas de escolha que permitam que o professor esteja em constante processo de formação para que tenha consciência de seu inacabamento e de que somente por meio de constantes atualizações de conhecimento ele poderá atuar e transformar o contexto no qual está inserido.</p> <p>Atenção ao conteúdo de formação: é necessário que haja espaço para estudos interdisciplinares, culturais, sobre gênero, questões étnico-raciais, inclusão e questões sociais com as quais nem sempre os professores estão preparados para lidar.</p>
<p>Meta 17: valorizar os(as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica, de forma a equiparar seu rendimento médio ao dos(as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto ano de vigência deste PNE.</p>	<p>Baixa remuneração: um dos nós que desvaloriza e torna a carreira menos atrativa. Há falta de professores nas escolas e de pessoas interessadas em atuar na área da Educação. Profissionais bem remunerados serão ainda mais comprometidos com a carreira, com os alunos e com uma educação de qualidade.</p>
<p>Meta 18: assegurar, no prazo de 2 (dois) anos, a existência de planos de carreira para os(as) profissionais da educação básica e superior pública de todos os sistemas de ensino e, para o plano de carreira dos(as) profissionais da educação básica pública, tomar como referência o piso salarial nacional profissional, definido em lei federal, nos termos do inciso VIII do art. 206 da Constituição Federal.</p>	<p>Plano de carreira: essencial para estimular os professores a terem perspectivas de crescimento, condições melhores de trabalho e a permanecerem na profissão.</p> <p>Voz silenciada: a voz dos professores precisa estar presente nas tomadas de decisões, políticas públicas e iniciativas voltadas à valorização da sua carreira.</p>

Segundo o Relatório Delors (UNESCO, 2010, p. 20), nenhuma reforma pode ser bem-sucedida sem a contribuição e a participação ativa dos professores, por isso, recomenda-se atenção prioritária ao estatuto social, cultural e material dos educadores. As metas apresentadas anteriormente parecem direcionadas também a essas questões, uma vez que contemplam a valorização do professor e podem favorecer o seu acesso a

bens culturais, materiais e a uma qualidade de vida melhor. Um longo, mas possível percurso rumo à transformação.

6. Considerações finais

A educação ao longo da vida aparece como um conceito-chave na vida do professor, como uma nova forma de ser, ver e estar no mundo. O professor brasileiro como um ser inacabado (Freire, 2011a) que precisa estar em constante busca pelo conhecimento. Aliado a esse conhecimento, deve haver incentivo e ações concretas que o ajudem a desatar todos os nós que o impedem de se (trans)formar e de contribuir para a formação de cidadãos globais.

As metas do PNE (Brasil, 2014), apresentadas neste trabalho, parecem contribuir nesse sentido por tentarem contemplar cada um dos professores brasileiros, o contexto em que atuam, as pessoas que ajudam a (trans)formar e as especificidades de cada canto deste vasto país. Além disso, o conceito de educação ao longo da vida permeia não só essas metas, mas também todo o PNE, como uma necessidade e uma forma de preparar melhor os professores para os desafios de sua profissão. Uma utopia? Talvez o melhor seja considerar essa iniciativa como um caminho a ser trilhado, percorrido, (re)feito e descoberto. Afinal, como diria Freire (2011b, p. 126), não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança.

Referências bibliográficas

BRASIL, 2009. *Sinopse Estatística da Educação Básica*. Brasília: Inep. Disponível on-line em: . <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 25 de maio de 2016

BRASIL, 2014. *Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024*. Disponível on-line em: <http://www.observatoriopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferencia.pdf>. Acesso em: 3 de junho de 2016

BRASÍLIA, 2010. *Um tesouro a descobrir. Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Disponível on-line em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>. Acesso em: 15 de maio

de 2016

FREIRE, Paulo. 2011a. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.

_____. 2011b. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo, Paz e Terra.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. EDITORA MODERNA. 2016. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2016*. São Paulo. Disponível on-line em: http://www.todospelaeducacao.org.br/arquivos/biblioteca/anuario_educacao_2016.pdf. Acesso em: 10 de junho de 2016.

WERTHEIN, Jorge; Cunha, Célio da. 2000. *Fundamentos da Nova Educação*. Brasília. UNESCO. Disponível on-line em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129766por.pdf>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

Maria Antonieta Alba Celani is Professor Emerita at Catholic University of São Paulo (PUC/SP). She lectures at the Post-graduate Program of Applied Linguistics and Language Studies (LAEL) from the same university and her main research interests are teacher education, English teaching in public schools and ESP. e-mail: acelani@pucsp.br

Ariane Ferreira Barros is currently taking a Master Degree at the Post-graduate Program of Applied Linguistics and Language Studies (LAEL) from Catholic University of São Paulo (PUC/SP) where she has a scholarship from CAPES. Her main research interests focus on teacher education and English language teaching. e-mail: ariane_afb@yahoo.com.br